

Entre o céu e o desporto

Sempre me delicieei com o estudo do passado, com a história das coisas que já lá vão. Mantendo o hábito de encontrar na antiguidade exemplos válidos para temas atuais, apresento ao caro leitor dois momentos — um mais remoto e outro mais recente — que rapidamente associei tanto ao tema como ao título.

Péricles, político ateniense, não se enganou quando, em 430 a.C., afirmou: “As eras futuras admirar-nos-ão, assim como a era presente nos admira agora.” Tanto os admiramos que ainda hoje subsistem inúmeros traços culturais legados pela Grécia Antiga. Entre eles, destaco, pela sua universalidade e correlação com o assunto, os Jogos Olímpicos.

No mundo helénico, era comum interromper guerras entre cidades-estado em honra dos deuses venerados numa cidade específica ou numa determinada altura do ano, celebrando-os com banquetes, representações teatrais e competições atléticas. A trégua pan-helénica simbolizava mais do que a exaltação do corpo e da mente: representava a vitória da paz e da ética sobre o conflito, ainda que temporária.

Mais recentemente, no dia de Natal de 1914, na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial, soldados alemães e franceses invocaram um cessar-fogo em algumas zonas. De seguida, como demonstração de humanidade mútua, encontraram-se na Terra de Ninguém para cantar, trocar presentes e jogar futebol. Por breves horas, o desporto suplantou a guerra.

Nos dois exemplos, é a religião que surge como grande força motivadora; contudo, é o desporto o instrumento escolhido pelo homem para unir povos distintos, culturas diferentes e até mentalidades opostas. A ética no desporto reside precisamente nisso. Quem é justo na vida tende a sê-lo também na competição, porque a própria vida é um desporto: tempo finito, adversários, metas a alcançar. Assim sendo, entre o céu e a terra, talvez o mais terreno de tudo seja mesmo a própria vida — e a forma como escolhemos jogá-la.